

ARTRITE VIRAL EQUINA

VENDRUSCOLO, Giovana
POTULSKI, Mariana
RAMBO, Lara
KROLIKOWSKI, Giovanni

INTRODUÇÃO

A Arterite Viral Equina (AVE) é uma doença infecciosa causada pelo vírus da arterite equina (VAVE), da família Arteriviridae, que acomete eqüídeos em todo o mundo. A transmissão ocorre principalmente por via respiratória e venérea, podendo causar febre, edema, conjuntivite, aborto e morte de potros. O diagnóstico requer exames laboratoriais específicos, como PCR e sorologia, já que os sinais clínicos são inespecíficos. Embora não haja tratamento antiviral, a vacinação e o manejo sanitário adequado são essenciais para prevenir surtos e controlar a disseminação da doença.

DESENVOLVIMENTO

A Arterite Viral Equina (AVE) é uma enfermidade causada pelo vírus da arterite equina (VAVE), pertencente à família Arteriviridae, que acomete principalmente os eqüídeos. A transmissão ocorre por secreções respiratórias, sangue, sêmen e outros fluidos corporais, sendo o vírus capaz de causar infecções persistentes, o que transforma os animais portadores em fontes contínuas de disseminação (ISSEL; RUSHLOW, 1988).

De distribuição cosmopolita, a AVE afeta eqüinos de todas as idades, com impacto econômico significativo em criatórios devido a abortos, infertilidade temporária e distúrbios respiratórios (PAWESKA et al., 1997). Os primeiros relatos datam do final do século XIX, na Inglaterra, quando se observou a transmissão da enfermidade por garanhões durante a cobertura de éguas (POTTIE, 1888; CLARK, 1892; REEKS, 1901; REEKS, 1902).

Durante a fase aguda da infecção, o VAVE dissemina-se principalmente por via respiratória e venérea, sendo encontrado nas secreções respiratórias por até 14 dias e em tecidos por até 28 dias (TIMONEY; MCCOLLUM, 1993). O período de incubação varia entre 1 e 14 dias, e em potros recém-nascidos, a doença pode evoluir para quadros graves (DEL PIERO et al., 1997).

Os sinais clínicos mais comuns incluem febre, conjuntivite, lacrimejamento, edema palpebral e de membros, secreção nasal serosa, congestão das mucosas, anorexia e apatia. Em casos mais severos, podem ocorrer edema de escroto, prepúcio e úbere, dispneia, tosse, fotofobia, rigidez articular e até edema pulmonar (DOLL et al., 1957; MACLACHLAN et al., 1996). A transmissão venérea ocorre principalmente de garanhões infectados para éguas, sendo dependente dos níveis de testosterona, já que animais castrados e potros não disseminam o vírus (FUKUNAGA et al., 1982; TIMONEY; MCCOLLUM, 1998). O diagnóstico clínico é desafiador devido à semelhança com outras doenças, exigindo exames laboratoriais específicos como isolamento viral em células RK-13, ELISA, PCR e testes sorológicos (soroneutralização, fixação de complemento e imunofluorescência), sendo a soroneutralização o método mais sensível (FUKUNAGA; MCCOLLUM, 1977; MANUAL, 2000).

O tratamento é sintomático, incluindo controle de febre e edemas, hidratação e repouso. Como não há terapia antiviral específica, a prevenção é essencial, baseada em vacinação (Arvac e Artevax), isolamento de animais infectados, quarentena de novos indivíduos e monitoramento sorológico contínuo para evitar surtos e disseminação do vírus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arterite Viral Equina (AVE) é uma enfermidade de grande importância sanitária e econômica na equinocultura, devido à sua fácil disseminação e aos prejuízos causados por abortos, queda na performance e mortalidade em potros. O conhecimento sobre sua etiologia, formas de transmissão, sinais clínicos e métodos de diagnóstico é essencial para o manejo adequado dos surtos e para a adoção de medidas preventivas eficazes. Como não existe tratamento antiviral específico, a prevenção por meio da vacinação, isolamento de animais infectados e controle reprodutivo de garanhões portadores é fundamental para reduzir a propagação do vírus e preservar a saúde dos rebanhos. Assim, o monitoramento constante e o cumprimento rigoroso das normas de biossegurança são as estratégias mais eficazes para o controle da AVE e para garantir o bem-estar e a produtividade dos eqüídeos.

REFERENCIAS

- DEL PIERO, F.** Equine viral arteritis. *Veterinary Pathology*, v. 37, p. 287-296, 2000.
- DOLL, E. R.; BRYANS, J. T.; MCCOLLUM, W. H.** Isolation of a filterable agent causing arteritis of horses and abortion by mares: its differentiation from the equine abortion (influenza) virus.
- FUKUNAGA, Y.; MCCOLLUM, W. H.** Complement-fixation reactions in equine viral arteritis. *American Journal of Veterinary Research*, v. 38, p. 2043-2046, 1977.
- ISSEL, C. J.; RUSHLOW, K.; FOIL, L. D.; MONTELARO, C. R.** A perspective on Equine infectious anemia with an emphasis on vector transmission and genetic analysis. *Veterinary Microbiology*, v. 17, n. 3, p. 251-286, 1988.
- MANUAL** of standards diagnostic tests and vaccines. [s.l.]: OIE, 2000. Cap. 2.5.10.
- TIMONEY, P. J.; MCCOLLUM, W. H.** Equine viral arteritis. *Veterinary Clinics of North America: Equine Practice*, v. 9, p. 295-309, 1993.